

**CINEMA E EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA CINEMATECA BRASILEIRA
PARA O DESENVOLVIMENTO DO CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL
(1954-1970)**

Thaís Lara¹

Resumo: Esse texto estuda a importância da Cinemateca Brasileira para o desenvolvimento do cinema educativo no Brasil. O recorte temporal escolhido, entre 1954 e 1970, abarca a criação do Departamento de Cinema Infanto-juvenil na Cinemateca Brasileira. O objetivo é de esboçar as concepções do Departamento de Cinema Infanto-juvenil sobre o cinema educativo e de verificar a inserção do cinema no contexto escolar do período. Utiliza-se como fonte os documentos administrativos da Cinemateca Brasileira, os artigos escritos por Ilka Brunhilde Laurito e a publicação “Cadernos da Cinemateca volume II e III”.

Palavras-chave: cinema e educação, Cinemateca Brasileira, cinema educativo, cinema infanto-juvenil, Ilka Brunhilde Laurito.

Contacto: tha_vlara@hotmail.com

No Brasil a relação entre cinema e educação tem início nos primeiros anos do século XX. A filmoteca do Museu Nacional² teria sido fundada, em 1910, com o objetivo de manter uma coleção de filmes de história natural, porém há dúvidas quanto à data exata de sua criação. Desta maneira, vamos atribuir o pioneirismo do que viríamos a chamar de cinema educativo aos filmes sobre os índios *parecis e nhambiquaras* (1912) realizados por Edgard Roquette-Pinto³. A partir daí, encontraremos entre 1916-1918 na revista *A Escola Primária*, os primeiros artigos escritos sobre o tema pelo inspetor escolar Venerando da Graça. Por volta de 1920, ele iria produzir e dirigir três filmes para crianças: *Jardim Zoológico*, *Façanhas do Lulu* e *O Livro de Carlinhos*.

¹ É pesquisadora nas áreas de arquivos de filmes e cinema e educação. Atualmente desenvolve uma dissertação no Programa de Pós-graduação em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com período sanduíche na Universidade Paris 3 - Sorbonne Nouvelle. Bolsita FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

² Conforme Carlos Roberto, não foram localizados nos arquivos do Museu Nacional nenhum registro sobre a criação da filmoteca antes de 1927, quando se organizou o Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural (Souza 2009, 16).

³ Edgard Roquette-Pinto foi o primeiro diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) desde sua criação em 1936 até 1947. O Instituto funcionou por 31 anos (1936 – 1967) e passou por sete governos diferentes. Além de diretor do INCE, foi vice-presidente da Associação Internacional do Cinema Científico e fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio MEC.

Em 1923, foi lançado o livro *Marta e Maria*, de Afrânio Peixoto, com um capítulo dedicado ao que seria a utilização ideal do cinema para a educação no Brasil. A publicação aumentaria as discussões em torno do cinema educativo. Esse momento de efervescência desencadeou na criação da Comissão de Cinema Educativo (1929), organizada por Fernando de Azevedo. No mesmo ano, ainda foi realizada na cidade do Rio de Janeiro a I Exposição de Cinematografia Educativa sob a responsabilidade dos educadores Jonathas Serrano e Venâncio Filho⁴.

Com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), em 1936⁵, os projetos de cinema voltados à educação e desenvolvidos por Roquette-Pinto, ganhariam força na produção de filmes sob a direção-técnica de Humberto Mauro. Eles abririam espaço para a criação de uma filmoteca para fornecer materiais educativos para escolas e demais associações sociais. O acervo era inicialmente composto por 440 volumes de livros, 30 assinaturas de revistas especializadas e 115 filmes entre americanos, ingleses, italianos e alemães (Carvalho 2008, 59). O INCE teria como objetivo promover e orientar a utilização do cinema, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de educação popular em geral⁶. De acordo com Rosana Catelli, o cinema educativo para Roquette-Pinto era:

1. um meio de educar a população brasileira que está isolada pelos sertões;
2. um instrumento para educar o trabalhador nacional;
3. um método para ensinar o próprio educador, que precisava também de uma orientação pedagógica renovada;
4. uma concepção de educação mais livresca e mais “prática”;
5. um modo de registro das culturas indígenas e sertanejas, podendo auxiliar na pesquisa e o conhecimento da realidade

⁴ A década de 30 foi pautada pelo ideal do “bom cinema” defendido nas obras: *Cinema e Educação (1930)* de Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, *Cinema contra cinema: bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil (1931)* do cineasta Canuto Mendes de Almeida e da tese *O cinema sonoro e a Educação (1939)*, de Roberto Assumpção Araújo.

⁵ O INCE foi criado em 1936, porém a lei N°378 que o institucionalizou foi decretada somente em 1937.

⁶ Art.41 da Lei de n. 378, de 13 de janeiro de 1937. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102716> Acessado em 23 de Janeiro, 2014.

brasileira; e 6. um veículo para o ideal prezado por Roquette-Pinto de divulgação da ciência para a sociedade. (Catelli 2013, 145)

O INCE funcionou de 1936 a 1966, produzindo mais de 400 documentários (Souza 1990) educativos de curtas e médias metragens. A exibição que era direcionada às escolas, instituições culturais e salas de cinema não atingiu o grande público. As dificuldades de circulação e distribuição dos filmes, a falta de projetores nas escolas e a “difícil aceitação da linguagem dos filmes” produzidos pelo INCE restringiram sua atuação no território nacional. Embora houvesse um esforço por parte da administração em difundir os filmes por todo o Brasil. O instituto concentrou suas atividades nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Não se pode negar o enorme legado do INCE para o cinema educativo brasileiro. E principalmente que sua produção influenciaria a direção do Departamento de Cinema Infanto-Juvenil da Cinemateca Brasileira.

Cinemateca Brasileira e Educação: o Departamento de Cinema Infanto-Juvenil

A Cinemateca Brasileira foi criada em 1946⁷ a partir do Clube de Cinema de São Paulo por estudantes da Universidade de São Paulo (USP). Em 1947, Paulo Emilio orientou a transformação do Clube de Cinema de São Paulo em uma filмотeca. Diante das manifestações artísticas alguns mecenas da burguesia industrial paulista destacavam-se no patrocínio das artes. Entre eles, Ciccillo Matarazzo que desejava criar um museu de arte com espaço para cinema.

⁷ Há controvérsias quanto à data exata de criação da Cinemateca Brasileira. Fausto Corrêa acredita que fora criada em 1937 - com a chegada de Paulo Emilio Salles à França. - In Cinematecas e Cineclubes: cinema e política no projeto da Cinemateca Brasileira (1952/1973), p.60. Já Carlos Roberto considera sua criação a partir da década de 1940 e sua real efetivação com a inauguração do segundo Cineclubes de São Paulo em 1946. Souza, Carlos Roberto de. A Cinemateca Brasileira e a preservação de filmes no Brasil. Tese (Doutorado) Departamento de Cinema, Televisão e Rádio / Escola de Comunicações e Artes/USP, 2009, p. 11. Neste texto é considerado o ano de 1946 de acordo com o histórico da Instituição descrito em seu site. Disponível em: <http://www.cinemateca.gov.br/page.php?id=1>. Acessado em: 21 de Julho de 2012.

Criou-se, então, o Museu de Arte Moderna de São Paulo e nele o departamento de Cinema (Filmoteca do MAM-SP).

No ano de 1953, depois de cerca de sete anos vivendo em Paris, Paulo Emilio voltou ao Brasil e assumiu o cargo de conservador chefe da Filmoteca do MAM-SP. Nos anos seguintes, as atividades da Filmoteca e seu acervo cresceram em volume e importância. Um dos marcos desse período foi o I Festival de Cinema no Brasil (1954), realizado em São Paulo pela comemoração do IV centenário da cidade. O evento teve em paralelo um circuito de mostras, entre elas uma dedicada ao Cinema Infantil organizada por Sonika Bo do cineclube Cendrillon de Paris, que percorreu os bairros da cidade e alcançou um público de mais de 50 mil crianças.

A necessidade de educar para o cinema já fazia parte da proposta de Paulo Emilio e de seus companheiros. O grupo acreditava ser preciso formar espectadores mais críticos, capazes de reconhecer e analisar com perspectiva histórica e estética aquilo que viam na tela. Neste sentido, organizaram o curso para Dirigentes de Cineclubes em 1958, com a intenção de formar pessoas para difundir o conhecimento. E assim alcançar todas as camadas sociais, a fim de trabalhar para elevar o gosto e as exigências do povo em relação ao cinema. O curso ministrado era composto por história do cinema brasileiro e mundial (teoria, técnica cinematográfica, crítica e debates, história da linguagem, do estilo e da expressão social cinematográfica) e por cultura artística (iniciação à estética, literatura, teatro, artes plásticas e música).

Em março de 1961 (Lautiro 1961), foi criado na Cinemateca Brasileira o Departamento Infanto-juvenil dirigido pela escritora, poetisa e professora de português Ilka Brunhilde Laurito. No que diz respeito ao novo departamento Cecília Thompson afirma que:

com a mesma finalidade de difusão (da Cinemateca Brasileira), mas já para um público determinado e fundamental no processo do desenvolvimento cultural, a Cinemateca criou um Departamento Infantil, que tem a seu cargo tanto a elaboração de um acervo apropriado

quanto a difusão cultural do cinema para crianças e adolescentes em cineclubes e escolas. (Thompson 1964, 8)

Ilka Laurito já desenvolvia no Departamento de Cinema do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) de Campinas, um cineclubinho que tinha nascido durante o Festival Lamorisse em 1960, quando foram exibidos *Bim*, *Crina Branca* e *O balão vermelho* para adultos e crianças. Ao se encantar com o filme *Crina Branca* Ilka decidiu, com a autorização do Departamento de Cinema do CCLA, fazer uma experiência com os alunos da 1ª série experimental que haviam iniciado naquele ano no Instituto de Educação Carlos Gomes. Assim organizou um debate sobre o filme. Em entrevista concedida à Theresinha Aguiar do Jornal Diário do Povo de 1961⁸, Laurito relata sua impressão quanto a primeira sessão infantil.

Creio que me encontrei nessa ocasião, e que encontrei o cinema como forma de realização, uma síntese de todas as tentativas que eu vinha fazendo até então de unir a Arte à Educação (Jornal Diário do Povo – 07/05/1961)

Nesse contexto, nasceu o Departamento de Cinema Infanto-juvenil da Cinemateca Brasileira com o objetivo de constituir um repertório de filmes para a infância a serem difundidos nas escolas, cineclubes infantis, entidades culturais e sociais com a finalidade de colocar o cinema como instrumento de cultura, aplicando-o à serviço da educação. De acordo com Fausto Corrêa (2010, 265), “a Cinemateca Brasileira passava por um grave momento de crise política/social/institucional. Mesmo assim, apoiou vivamente a iniciativa de Ilka Laurito e do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas”.

⁸ Informações presentes no artigo “Cineclubinho do Centro de Ciências – Criação belíssima da poetisa “Ilka Laurito” de Theresinha Aguiar publicado no Jornal Diário do Povo – 07/05/1961.

A constituição de um acervo e as exposições de filmes nas escolas

Em busca de cumprir com os objetivos de difusão estabelecidos na criação do Departamento de Cinema Infante-juvenil, a direção da Cinemateca Brasileira inicia um trabalho de constituição de um acervo fílmico e bibliográfico sobre o cinema e a infância. Ilka Laurito procura compilar uma literatura especializada. Visto que as publicações em língua portuguesa dedicadas ao tema eram escassas e a que a maioria dos livros e manuais estavam publicados em língua estrangeira, principalmente em francês, inglês e italiano, ela começa a elaboração de uma bibliografia básica sobre o tema que foi publicada com o título de “Cinema e Infância” pelos Cadernos da Cinemateca em 1962.

Em relação a constituição de um acervo especializado, não foi possível adquirir filmes por conta das dificuldades financeiras. Desta maneira, estabeleceu-se um processo de separação de filmes infantis ou filmes adultos já existentes no acervo da Cinemateca Brasileira que poderiam servir para as crianças. A experiência de utilizar filmes do próprio acervo ou filmes comerciais para exposições infantis já vinha sendo desenvolvida Estados Unidos da América pelo The Children’s Film Library.

No acervo da Cinemateca Brasileira não havia grande variedade de filmes infantis. Por consequência, para realizar as exposições nos cineclubinhos era preciso firmar convênios com consulados ou alugar filmes de filmotecas privadas e comerciais.

De 1961 a 1963, as atividades de exposição realizadas pelo departamento de Cinema Infante-juvenil foram intensas. O departamento se dedicou à educação secundária, instituindo pela primeira vez na história do ensino em São Paulo, a inclusão do cinema no currículo escolar como prática educativa no Ginásio Estadual Padre Manoel de Paiva (Thompson, 39). Nesse período também foram criados: o cineclubinho da Biblioteca Caetano de Campos, as sessões no Colégio Brasil-Europa, na Escola Estadual Prof. Alberto Comte e ampliada a atuação do cineclubinho do CCLA de Campinas.

Os trabalhos de difusão não se limitaram à capital. O Departamento Infante-juvenil orientou a criação do cineclubinho de Santos e organizou sessões em Bauru, Campinas, Mococa, Santa Isabel e Rio Claro no interior

paulista. Noutros estados, estabeleceu contato com cineclubes promovendo três sessões no Rio Grande do Sul em parceria com o Cineclubes Santo Ângelo e duas sessões em Minas Gerais em parceria com o Cineclubes Vagalume de Belo Horizonte.⁹

O cinema educativo no Departamento de Cinema Infanto-juvenil

O cinema era entendido pela direção do Departamento de Cinema Infanto-juvenil como “fator de humanização”, pois continha experiências novas de educação da sensibilidade, de transmissão de ideias, de valores e problemas de um indivíduo ou de uma coletividade (Documentos CB, 1961). Nessa perspectiva, Ilka Laurito define o cinema educativo como:

podemos chamar de cinema educativo não só aquele que informa, que ensina noções novas ou ajuda a fixar noções antigas, mas também aquele que, através da ficção, permite ao espectador sentir um acréscimo de sua experiência de vida e um amadurecimento como pessoa humana. (Documentos - acervo Cinemateca Brasileira)

Na direção contrária de outras instituições que priorizavam a utilização do cinema como forma de instrução ou das associações religiosas¹⁰ que procuravam separar o “bom cinema” para infância e juventude, a Cinemateca Brasileira buscava selecionar filmes que pudessem “formar um público jovem ativo, com espírito crítico e estimular possíveis vocações para o cinema

⁹ Dados identificados no Relatório do Departamento Infantil de 1963.

¹⁰ Os católicos tinham interesse nos assuntos do cinema desde as primeiras sessões do cinematógrafo. Assim, em 1936, é lançada a Encíclica *Vigilanti Cura*, pelo Papa Pio XI que define sua posição em face do cinema, traça diretrizes para a ação dos católicos e institui a classificação moral dos filmes. A segunda Encíclica, a *Miranda Prorsus*, é escrita pelo Papa Pio XII, em 1957, e não se preocupava exclusivamente com o espectador e com o crítico cinematográfico, mas com as atividades cinematográficas. Conforme Vivian Malusá, “essa influência teve, por um longo período, seus reflexos em toda atividade cineclubista brasileira, espalhando-se por quase todo o país” (Malusá 2008, 2). Em 1951, no Rio de Janeiro a Ação Social Arquidiocesana inicia um curso de cinema no seu Centro de Estudos. O objetivo principal era formar o espectador visando nos filmes uma moral religiosa. Da mesma forma, o Centro de Orientação Cinematográfica (COC), presidido pelo Pe. Guido Logger ministrava curso de cultura cinematográfica pelo país.

nacional”. Assim, elaborou três propostas de utilização do cinema em contexto educacional. A saber:

1 – Utilização do cinema como instrumento de Educação: não apenas como meio auxiliar de ensino, mas como arte e forma de cultura, portanto, como um fim em si mesmo. Sabemos que o cinema é a linguagem da nossa época, e como tal, deve ser aprendida e ensinada servindo tanto de meio de comunicação como de expressão.

2 – Utilização do cinema com função social e educadora: o cinema é o maior veículos de ideias, e de informações da atualidade. Usá-lo para atingir os meios mais pobres e mais afastados, é dar-lhe um sentido social e uma finalidade que transcende a sua atuação nos centros culturais mais adiantados.

3- Utilização do Cinema como meio-auxiliar de ensino: a serviço de todas as disciplinas, em todos os graus de ensino. (Documentos administrativos CB, 1962)

Desta maneira, Ilka Laurito (1963) sugere a criação de filmes infantis com personagens representados por crianças. Assim, é remarcado no plano geral de trabalho de 1963 que a produção cinematográfica é um ponto importante a ser desenvolvido. No que concerne a esse assunto são elencados três objetivos.

O primeiro objetivo era estabelecer contato com companhias cinematográficas e cineastas para criar filmes de valor cultural e artístico sobre a educação brasileira. Esses filmes deveriam documentar as atividades das classes experimentais e das escolas de artes.

O segundo objetivo era a produção de filmes sobre os problemas culturais brasileiros, tais como: os documentários de natureza sociológica, para fins de estudo e conscientização. O filme *Aruanda* (1960) de Linduarte Noronha é citado como exemplo no gênero.

O terceiro e último objetivo colocado era a criação de reportagens sobre as atividades do departamento infantil.

A efetivação de alguns desses objetivos pode ser constatada na parceria do departamento da Cinemateca Brasileira com o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) que produziu e distribuiu a série “Brasilianas” de Humberto Mauro sobre as canções folclóricas brasileiras.

Conclusão

Como forma de ampliar o conhecimento sobre o cinema infantil e de criar parcerias com outras instituições que se dedicavam ao assunto, Ilka Laurito fez, em 1964, um estágio na Europa. Acolhida pelo British Film Institute que a concedeu uma bolsa de estudos, ela acompanha a programação do British Film Institute, da Children’s Film Foundation, da Society Film Teachers e da BBC. Após terminar seu estágio na Inglaterra, Ilka partiu para a França em busca de ter contato com o trabalho feito por Sonika Bo. Em Paris, acompanha as sessões do Cineclube Infantil Cendrillon. Em relação à essa experiência, Ilka diz:

Há 30 anos essa mulher faz filmes para a infância, desde de 1933. (...) Essa mulher é pioneira. Não só fez o Cineclube infantil, como passou a realizar os filmes e os filmes estão cheios de poesia.¹¹

Ao retornar ao Brasil, Laurito encontrou dificuldades econômicas para manter o Departamento de Cinema Infanto-juvenil que necessitava de uma equipe, de material e de espaço adequados. As dificuldades, porém não foram somente econômicas. Com a ascensão em 1964 da ditadura militar, um novo ciclo político de censuras, cassações e prisões se instala no país. Por consequência desta situação o departamento paralisa suas atividades no mesmo ano. Nos dois anos seguintes, Ilka faria algumas tentativas sem sucesso de reestabelecer o Departamento de Cinema Infanto-juvenil.

Em 1966, numa aula ministrada à convite de Jean-Claude Bernardet na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), ela definiu esse período de trabalho como “uma descoberta do cinema em relação à

¹¹ Transcrição de aula realizada por Ilka em 1966. Fonte: Acervo Cinemateca Brasileira.

infância”¹². O Departamento de Cinema Infanto-juvenil da Cinemateca Brasileira conseguiu em seus três anos de atividade chamar a atenção de especialistas, professores e cineastas para o cinema educativo, contribuindo na construção de um novo olhar sobre o filme e suas funções educacionais.

BIBLIOGRAFIA

- Carvalho, Fernanda Caraline. 2008. *Luz, Câmera, Educação! O Instituto Nacional de Cinema Educativo e a formação áudio-imagética escolar*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá.
- Catelli, Rosana. 2013. “Roquette-Pinto e a Comunicação: registro, visualização e internalização da cultura”. *Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)* - v.2, n.1, jan.2013 / jun.2013.
- CorreaORREA, JR. Fausto Douglas. 2010. *A Cinemateca Brasileira: das luzes aos anos de chumbo*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Gomes, Paulo Emilio Salles. 1982. *Críticas de cinema no Suplemento literário*. Rio de Janeiro: Paz e Terra e Embrafilme.
- Lautiro, Ilka. 1963. *Cinema Educativo. Plano de trabalho apresentado ao Departamento de Educação*.
- . 1961. “Difusão do Cinema entre as Crianças” - *Jornal Correio Paulistano* – 21/10/1961.
- Malusá, Vivian. 2008. “A contribuição católica na formação de uma cultura cinematográfica no Brasil nos anos 50”. In *Mnemocine*. Disponível em: <http://www.mnemocine.art.br/index.php/cinema-categoria/24-histcinema/107-vivian-malusa> Acessado em: 12 Abril. 2014
- Souza, Carlos Roberto de. 2009. *A Cinemateca Brasileira e a preservação de filmes no Brasil*. Tese (Doutorado) Departamento de Cinema, Televisão e Rádio / Escola de Comunicações e Artes/USP.
- . 1990. *Catálogo de filmes produzidos pelo INCE*. Fundação do Cinema Brasileiro. Série Documentos, MINC.

¹² Idem.

Thompson, Cecília. 1964. *Cinematca e seus Problemas*. São Paulo, SP: Fundação
Cinematca Brasileira.

Arquivos

Cinematca Brasileira

D-246/1-4; 1029/1-104; 923/1-35 e 1056.